

28 JAN 1988

GAZETA MERCANTIL

MANDATO

Oposições do PMDB e do PFL já procuram candidato a presidente

por Cecília Pires de Brasília

Os "históricos" do PMDB e os integrantes do setor "moderno" do PFL estão à procura de um nome de liderança nacional para lançar imediatamente como candidato à Presidência da República e mobilizar a população, como forma de pressão para aprovarem um mandato de quatro anos para o presidente José Sarney na Constituinte. A conclusão, depois do último encontro para analisar o quadro nacional, realizado na última terça-feira, é que esse nome, até agora, não existe.

Segundo um dos participantes do encontro, a análise é pessimista. O PDT e o PT já têm candidatos lançados, a maioria dos constituintes de tendência moderada ou conservadora tem medo de eleições nesse ano, diante do fantasma de Brizola, e a população está desmobilizada. "Se as coisas continuarem assim, Sarney ganha os cinco anos na Constituinte com mais de quatrocentos votos", advertiu o secretário-geral do PFL, deputado Saulo Queiroz, integrante dos "dissidentes" de seu partido, segundo confidenciou um parlamentar que esteve na reunião.

O grupo começou a se reunir para discutir a criação de um novo partido. Participaram das primeiras conversas, além de Saulo, os deputados Jaime Santana e Alceny Guerra, pelo PFL, o vice-líder na Constituinte, deputado Euclides Scalco, os deputados Nelson Jobim, Fernando Bezerra Coelho, pelo PMDB. Depois, a eles se agregaram alguns integrantes do PTB interessados em somar esforços para a mobilização pelas eleições presidenciais neste ano, como o senador Afonso Camargo e o deputado Arnaldo Faria de Sá.

Na última conversa, nesta semana, os três deputados do PFL procuraram os deputados Euclides Scalco e Pimenta da Veiga, preocupados com os prazos para as definições partidárias. Se não houver decisão de formar um novo partido com os dissidentes do PMDB antes do dia 28 de fevereiro, quando o PFL realiza as convenções municipais, os dissidentes deste partido poderão procurar uma sigla já existente, pois precisam definir-se. O

FIESP quer debater plebiscito

por Célia Roseblum de São Paulo

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mário Amato, está avaliando as repercussões da ideia que lançou na terça-feira de realizar um plebiscito nacional para definir questões como mandato presidencial e sistema de governo. "Foi jogado assim como um balão de ensaio. Vamos ver as manifestações".

Ontem, a proposta já recebeu uma manifestação de apoio do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio de Medeiros, que defende eleições gerais para todos os níveis, com exceção de governadores. Já o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, Cláudio de Camargo Crê, classificou a ideia como "uma enrolação".

Amato defende a realização do plebiscito como forma de resolver o "tumulto" na Constituinte, onde o "Centro" está trabalhando bem e a esquerda defendendo suas propostas. "Mas, para ele, o meio do processo era um problema de indecisão maior que não nos deixa trabalhar". Com a consulta, os parlamentares conheceriam concretamente as aspirações populares.

"Chegou a hora de consultar o povo", disse Amato. Ele considera fácil a realização de um plebiscito: "já foi feito no passado". E defende que a consulta seja uma espécie de campanha de informação, onde cada pessoa, ao votar, soubesse quais as implicações que existem na opção pelo tempo de mandato, sistema de governo ou convocação de eleições gerais.

grupo "histórico" do PMDB não pode, porém, tomar qualquer decisão até a reunião do diretório nacional, que deverá ocorrer em fevereiro, em data ainda a ser fixada pelo deputado Ulysses Guimarães.

Estas decisões, segundo concluíram, passam pela definição do mandato do presidente Sarney e pela escolha de uma candidatura à qual os quatroanistas possam aderir. Uma lista

Novo partido apenas depois da reunião do diretório

com cerca de doze nomes foi analisada; entre eles, os senadores Mário Covas, José Richa, Fernando Henrique Cardoso, os governadores Moreira Franco, do Rio, Waldir Pires, da Bahia, Orestes Quercia, de São Paulo, o ex-governador paulista Franco Montoro, o ministro Aureliano Chaves, o senador Marco Maciel e o em presário Antônio Ermirio de Moraes.

"No Brasil, os homens empolgam mais do que as ideias", argumentou o deputado Alceny Guerra (PFL-PR): "qualquer processo hoje para se analisar a aprovação de um mandato de quatro anos para Sarney ou de uma nova composição partidária precisa de nomes que empolguem o

eleitorado." De acordo com Alceny, a campanha pelas diretas neste ano ainda não ganhou as ruas exatamente pela falta de um nome com respeitabilidade nacional inquestionável que tenha assumido publicamente esta bandeira. Nomes que obedecem a este perfil e têm larga aceitação junto ao eleitorado, na opinião de Alceny, não se colocaram a favor dos quatroanos.

Outros nomes engajados na campanha pelos quatro anos, mas que sofrem restrições, foram lembrados. O senador Mário Covas, por exemplo, tem o veto de boa parte do empresariado. O senador José Richa, com aceitação maior junto aos moderados, não tem o apoio dos governadores. O senador Fernando Henrique foi também muito elogiado, mas sua boa imagem não tem alcance nacional suficiente para garantir uma vitória. "Ele é o nosso melhor ator", disse um dos parlamentares que participa dos encontros. "Mas nós precisamos de um 'Rambo' capaz não só de fazer o filme como de ganhar o Oscar." Aureliano Chaves, do PFL, já perdeu as chances, desgastando-se ao ficar no governo. O senador Marco Maciel não tem o carisma necessário, o governador Waldir Pires também não tem a confiança do empresariado. Antônio Ermirio é defendido pelos pefelistas, mas "rejeita falar sobre sua candidatura e ataca muito a classe política", lembrou um integrante do grupo.

Simon defende cinco anos e diz que poderá lutar pelo parlamentarismo

por Flávio Porcello de Porto Alegre

O governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, deixou ontem, pela primeira vez, de defender mandato de cinco anos para o presidente José Sarney. Mas não se incorporou à corrente dos que defendem mandato de quatro anos. O governador apenas considerou como prioritária a definição do sistema de governo. "Tempo de mandato é secundário", disse Simon. "Se eu tiver de arregaçar as mangas e trabalhar por uma causa, luto pelo sistema parlamentarista do governo".

O governador gaúcho vinha defendendo os cinco anos por achar que terminaria a Constituição federal, elaborar as constituições estaduais e eleger os novos prefeitos seriam fatos suficientes para preencher o calendário político deste ano. Mas ontem mostrou certa indiferença pela questão: "Está todo mundo dando importância para um tema que não é importante. Ponto vital é a forma de governo. A crise que enfrentamos parece encaminhada para mostrar como é ruim o sistema presidencialista. Lamento que o presidente José Sarney não queira o parlamentarismo, pois ele está perdendo o trem da História".

Pedro Simon fez tais considerações momentos antes de embarcar para Brasília onde deve almoçar hoje com o presidente José Sarney, que o convidou para uma conversa cuja pauta o governador disse ignorar. Foi numa entrevista coletiva para a qual o Gabinete de Imprensa do Palácio do Governo convocou toda a imprensa gaúcha (órgãos locais e sucursais), igualmente sem pauta defi-

nida, aparentemente para que o governador (que na quarta-feira passada esteve reunido a portas fechadas com o deputado Ulysses Guimarães) tornasse pública sua nova postura diante da questão do mandato do presidente.

Simon chegou, não tinha nada especial a anunciar, como se pressupôs, apenas se colocou à disposição para discutir os temas políticos do momento. Sincronicamente, disse que não deve comparecer ao encontro de governadores organizado pelo governador de Minas, Newton Cardoso. Alegou que tem um compromisso social amanhã, à noite — o casamento de uma irmã de sua falecida mulher, no interior do Estado. Indagado sobre o que pensa das fortes manifestações tanto de apoio quanto de rompimento com o governo, que está acirrando a dissidência dentro do PMDB, afirmou:

"Na política moderna não se perde tempo anunciando apoio ou rompimento com este ou aquele setor. Simplesmente se apoia ou se rompe". Perguntado se, dentro do concreto que ele acabara de emitir de política moderna, ele estaria se aproximando ou se afastando do governo Sarney, foi reticente: "A reunião com o presidente é normal. Não me considero uma companhia frequente dele, mas sempre me dei bem com o presidente. Já estivemos juntos umas dez vezes desde que ele assumiu o governo. Esta será mais uma conversa".

Dizendo ser um antigo defensor de renúncias para discutir as questões do PMDB, Simon ressaltou, no entanto, contestar a oportunidade da reunião do Diretório Nacional.

Governadores evitam reunião

por Yves Léon Winandy de Belo Horizonte

A desinformação e o suspense continuavam impedindo ontem, em Belo Horizonte, sobre a reunião prevista de governadores do PMDB marcada para hoje, na capital mineira (jantar), e amanhã, em Montes Claros (norte de Minas), paralelamente a uma nova reunião da Sudene.

Segundo a assessoria de imprensa do governo do estado, vinte governadores já teriam confirmado sua presença nos dois eventos, incluindo Pedro Simon, do Rio Grande do Sul; Wellington Moreira Franco, do Rio de Janeiro; Waldir Pires, da Bahia; e Orestes Quercia, de São Paulo.

Em Salvador, porém, fontes do governo baiano garantiram a Paulo de Alencar, deste jornal, que Waldir Pires não irá ao jantar programado para hoje, às 21 horas, na sede número 2 do Minas Tênis Clube. Para a reunião da Sudene, amanhã, está programada a participação de seu secretário do Planejamento, Jairo Simões.

No Rio de Janeiro, a expectativa, até ontem, era de que o governador Morei-

ra Franco também não compareceria aos dois encontros. Informação por ele prestada na terça-feira. Simon, por sua vez, esclareceu, ontem, que não deveria participar.

Adotando atitude contrária, o governador Eplício Cafeteira, do Maranhão, foi o primeiro a chegar, aterrissando no Aeroporto de Confins às 17 horas de ontem. "Sou favorável à manutenção da palavra empenhada", disse a este jornal, confirmando apoiar os que pedem cinco anos de mandato para o presidente Sarney, e referindo-se à chamada "Carta do Rio", assinada pelos governadores do PMDB em outubro do ano passado.

No final da tarde de ontem, a assessoria de imprensa do governo mineiro informou que Quercia só deverá chegar a Belo Horizonte amanhã pela manhã, não devendo, portanto, participar do jantar de hoje à noite, na capital do estado.

O governador Miguel Arraes telefonou ontem ao seu colega de Minas, Newton Cardoso, segundo a Agência Globo, para comunicar que não estará presente à reunião dos governadores do PMDB que se realizará hoje, em Belo Horizonte, porque estará recebendo no Recife o príncipe Philip, da Inglaterra. Para a reunião da Sudene, que acontecerá na sexta-feira, na cidade de Montes

Claros, a secretária de Planejamento, Tânia Bacelar, representará o governador de Pernambuco.

Segundo um assessor do Palácio das Princesas, Arraes não pretende voltar a discutir a questão do mandato do presidente da República, que deverá constar da pauta da reunião de hoje. Pessoalmente, ele é favorável aos quatro anos, mas respeita a posição de outros governadores, como o próprio Cardoso, que está a favor dos cinco anos. Para evitar constrangimento, achou melhor falar.

Esse mesmo assessor garantiu que Arraes não fará nenhum tipo de pressão sobre os três constituintes da bancada do PMDB de Pernambuco — Luiz Freire, José Carlos Vasconcelos e Nilson Gibson — que subcreveram a emenda dos cinco anos, embora desejasse que a representação de Pernambuco tivesse uma posição unitária no que toca a essa questão.

Para o governador do Amazonas, Amazonino Mendes, o País não agüenta mais a indefinição da Assembleia Constituinte. "O povo está sendo prejudicado. Essa indefinição atrasa a administração de modo geral, o setor empresarial fica com receio de fazer novos investimentos e o relacionamento do Brasil no exterior fica pendente", disse ele à EBN.

A proposta de Vasconcellos

O prefeito Jarbas Vasconcelos, que é também presidente da Associação Brasileira dos Prefeitos das Capitais, disse ontem que não faz sentido o PMDB reunir o seu diretório nacional para formalizar o rompimento com o governo Sarney.

"Porque o presidente já rompeu conosco há muito tempo. Se o diretório tiver que se reunir, que aproveite a reunião para discutir o futuro do PMDB. Creio que é sobre isso que nós devemos discutir", disse, segundo a Agência Globo.

Jarbas externou também sua grande preocupação com o futuro do PMDB, mas não admite a hipótese de abandonar a legenda, como querem os deputados Fernando Lyra e Cristina Tavares, ambos da bancada de Pernambuco.

O apoio de Aureliano

por Maria do Graça Moura de Belo Horizonte

O ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, voltou a manifestar-se, ontem, favorável ao sistema presidencialista de governo e ao mandato de cinco anos para o presidente José Sarney. Ressaltou, contudo, que mais importante do que a discussão da duração do mandato do atual presidente é a votação o mais rápido possível do texto da nova Constituição.

Sobre a proposta de parlamentares de submeter o novo texto constitucional a um plebiscito, o ministro disse que a democracia representativa se fundamen-

ta nos partidos e nos representantes eleitos pelo povo. "Todas as vezes que apelamos para o plebiscito adotamos a democracia direta e isto tem de ser feito com muito cuidado. As ditaduras gostam muito de plebiscito, foi através do plebiscito que Hitler assumiu o poder na Alemanha".

Aureliano Chaves esteve, no último fim de semana, visitando bases do PFL no interior mineiro e considerou que o partido está crescendo e se fortalecendo no estado. "Mas queremos um crescimento lento e seguro, para que não ocorra o inchaço, que dá uma impressão de força que nem sempre corresponde à realidade".